

As ânforas da Gália de Monte Molião (Lagos, Portugal)¹

Gallic amphorae from Monte Molião (Lagos, Portugal)

ÍRIS DIAS

UNIARQ Universidade de Lisboa (iris.fcdias@gmail.com)

CARLOS PEREIRA

UNIARQ, Universidade de Lisboa (carlos_samuel_pereira@hotmail.com)

ELISA SOUSA

UNIARQ, Universidade de Lisboa (E.sousa@campus.fl.pt)

ANA MARGARIDA ARRUDA

UNIARQ, Universidade de Lisboa (ana2@campus.ul.pt)

Resumo: O consumo de vinho gaulês em Monte Molião foi documentado através de um conjunto de ânforas dos tipos Gauloise 4 e 5, que, sendo pouco expressivo em termos numéricos, corresponde, ainda assim, a um dos maiores do território actualmente português. A relativamente fraca representatividade destes contentores, que contrasta de forma evidente com a abundância dos produtos manufacturados com a mesma origem, concretamente da *terra sigillata* sudgálica, não surpreende, uma vez que replica a situação constatada em todos os outros sítios do Extremo Ocidente. Os contextos de recolha destas ânforas gaulesas indicam uma cronologia localizada entre meados do século I e o início do II.

Palavras Chave: Algarve romano; ânforas gaulesas; comércio de vinho.

Summary: The consumption of Gaulish wine in Monte Molião was documented through a set of Gauloise 4 and 5 amphorae, not very expressive in numerical terms, but one of the largest in the Portuguese territory. The relatively weak representativeness of these containers, contrasting to the abundance of manufactured products with the same origin, specifically *terra sigillata*, is not surprising, since it replicates the situation in all the Far West. The collection contexts for these amphorae indicate a chronology located between the middle of the first century and the beginning of the second.

Key Words: Roman Algarve; *Gauloise amphorae*; *wine trade*.

1. INTRODUÇÃO

Monte Molião, localizado na orla costeira do Algarve (Portugal), destaca-se no contexto regional pela importância dos seus achados arqueológicos, quer ao nível das estruturas domésticas identificadas, quer pelos materiais recolhidos ao longo das 11 campanhas de escavações que já tiveram lugar.

Trata-se de um sítio implantado numa colina de forma elipsoidal (Fig. 1), na margem esquerda da Ribeira de Bensafrim, cujo início da ocupação humana remonta a um momento avançado da Idade do Ferro, que pode ser datado de meados do século IV a.n.e. (Arruda *et alii* 2011). Os dados recolhidos até ao momento permitem admitir que o local permaneceu ocupado até ao final do século II (Arruda *et alii* 2008; Arruda e Pereira 2010; Arruda e Sousa 2013; Arruda

e Viegas 2016; Pereira e Arruda 2016; Sousa e Arruda 2018; Sousa *et alii* 2019).

Os trabalhos de campo incidiram em três sectores (Fig. 1), o A e o C, nas vertentes Este e Sul, respectivamente, e o B, no topo. Neste último, a potência estratigráfica era escassa, estando a rocha muito perto da superfície, o que se justifica pela sua maior exposição à erosão. Aqui, a área intervencionada foi reduzida, mas foi possível detectar estruturas habitacionais da Idade do Ferro associadas a materiais arqueológicos que permitiram a sua datação. Nos restantes dois sectores, as escavações proporcionaram importantes dados acerca de toda a diacronia da ocupação: no C, sobretudo da Idade do Ferro e da época romana-republicana; no A, fundamentalmente da última e do período Imperial.

Os resultados obtidos nestes trabalhos evidenciaram o carácter “urbano” da ocupação, pelo menos desde a época republicana, com as habitações, compostas por

1 Trabalho efectuado no contexto do Projecto “Monte Molião na Antiguidade”, financiado pela Câmara Municipal de Lagos.

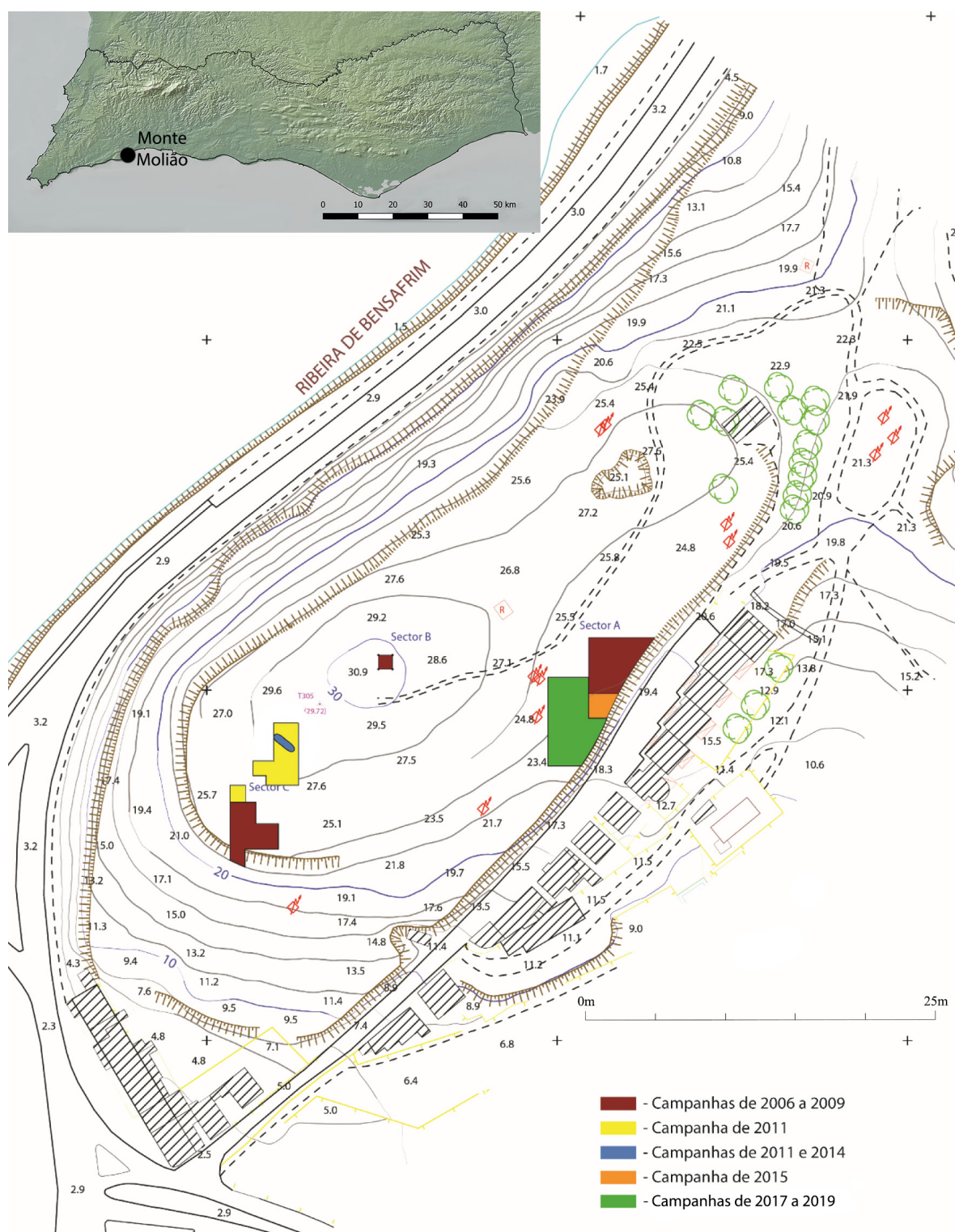


Figura 1. Localização de Monte Molião (Lagos, Portugal) e identificação dos três sectores intervencionados na planta topográfica do sítio.

várias células, a desenvolverem-se ao longo de arrua-
mentos paralelos e perpendiculares entre si (Fig. 2).
Por outro lado, a cisterna escavada na rocha, conhecida
desde o século XIX (Veiga 1891; Gomes *et alii* 2019),
localizada entre os sectores B e C, revela a existência de

equipamentos públicos, que obrigaram a um conside-
rável investimento.

As actividades produtivas, algumas de característi-
cas “industriais” outras de âmbito doméstico, ficaram
também demonstradas, através dos quatro fornos, des-



Figura 2. Planta de síntese das estruturas escavadas no Sector A de Monte Molião, com indicação dos números de compartimento.

tinados ao fabrico de vasos de cerâmica comum, de áreas de transformação do metal e de tanques de salga de peixe.

A esta arquitectura planeada junta-se um abundante espólio, muito diversificado quanto à função, categoria, matéria-prima e origem.

As cerâmicas em geral dominam, mas os metais e os vidros estão igualmente bem documentados. Os produtos importados, manufacturados ou alimentares, sempre muito abundantes, são também reveladores da importância do sítio no contexto local, regional e supra-regional, da capacidade económica e até do estatuto

social dos seus habitantes (pelo menos de alguns) ao longo de toda a diacronia de ocupação. As cerâmicas de mesa da Idade do Ferro, produzidas em Atenas e na baía gaditana (Arruda *et alii* 2011; Sousa e Arruda 2013), e da época Romana, produzidas em Itália (Arruda e Dias 2018; Sousa e Arruda 2018; Sousa *et alii* 2019), na Gália (Pereira *et alii* 2019), no vale do Ebro, na actual Andaluzia e no Norte de África (Arruda e Pereira 2017), são exemplo dos primeiros. Nas ânforas, com origem em Cádiz, no baixo Guadalquivir, em Itália, no Norte de África e na Gália (Arruda e Sousa 2013; Arruda e Viegas 2016; Arruda *et alii* no prelo), chega-



Figura 3. Cerâmicas importadas da Gália meridional: nº 1 a 5 (nº inv. 14913, 14935, 29591, 18074 e 13476, respectivamente) *terra sigillata* sudgálica; nº 6 a 8 (nº 6 sem nº inv., 18284 e 18289) cerâmica caulinítica.

ram os segundos. Outros artefactos cerâmicos, como as lucernas, correspondem também a importações (Pereira e Arruda 2016), tal como alguns vidros.

2. OS PRODUTOS GÁLICOS EM MONTE MOLIÃO

Como atrás se referiu, o volume de materiais importados é muito relevante ao longo dos cerca de 550 anos de ocupação do sítio, sendo testemunho da sua inclusão nas mais activas rotas comerciais da Antiguidade que ligavam o Mediterrâneo ao Atlântico.

As relações comerciais com a Península Itálica e sobretudo com a província hispânica da Ulterior foram, durante a época romana-republicana (séculos II – I

a.n.e.), intensas, tendo a última ganhado relevância durante o Alto-Império, permanecendo o Algarve nas redes de abastecimento dos centros produtores béticos.

Outras origens assumiram também algum protagonismo, sendo esta diversidade de regiões abastecedoras particularmente visível a partir do início a época flávia, quando os produtos béticos competem com os fabricados na Gália meridional, sem que, contudo, tenham feito tremer a hegemonia dos primeiros no que diz respeito aos alimentos envasados e transportados em ânforas.

Pelo contrário, a elevada percentagem de *terra sigillata* gálica (Fig. 3, nº 1 a 5), que conta com mais

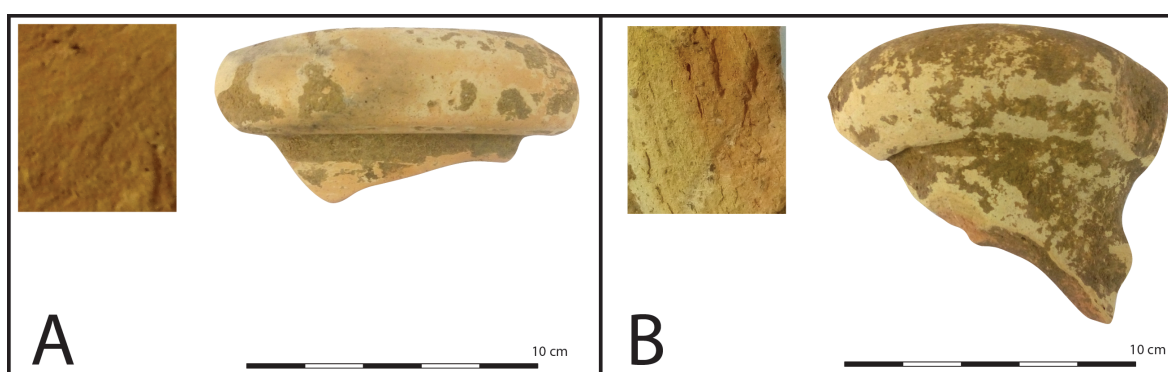


Figura 4. Grupos de fabrico identificados no conjunto de ânforas da Gália.

de 5.000 vasos, maioritariamente fabricada no centro produtor de La Graufesenque, demonstra a preferência dos habitantes de Monte Molião pelos serviços de mesa produzidos na Gália Narbonense, em detrimento dos hispânicos e norte africanos. A própria presença de vasos de pasta caulinítica (Fig. 3, nº 6 a 8), especialmente dos jarros, recentemente publicados (Pereira *et alii* 2019), evidencia, apesar da sua pouca expressividade numérica, que aqueles não foram os únicos produtos a chegar do actual *Midi* francês.

Os vasos de *terra sigillata* importados da Gália começaram a chegar ao sítio na primeira metade do século I, concretamente no segundo quartel. Sendo particularmente expressivos entre 70-90, ou seja, na época flávia, permaneceram até ao final da ocupação do sítio, no final do século II. O conjunto incorpora vasos decorados e, sobretudo, lisos, com os primeiros a atingirem cerca de 20% do total, englobando-se nos tipos Dragendorf 37, dominante, 29 e 30. Entre os vasos lisos, destacam-se as taças Drag. 24/25, 27 e 36, e os pratos 15/17 e 18. Foram maioritariamente produzidos no Sul da Gália, em La Graufesenque, mas, no século II, outros centros oleiros estão também representados, como é o caso de Lezoux, na Aquitânia.

A mesma realidade no que diz respeito aos centros exportadores foi reconhecida para a cerâmica caulinítica, que foi fabricada, sobretudo, nas oficinas do Sul da Gália, possivelmente também em La Graufesenque, havendo, contudo, um reduzido número que pode ser originário da Aquitânia (Pereira *et alii* 2019: 138-139). Trata-se de jarros do tipo KAOL F1 e KAOL F2 da tipologia da Lattara (Meffre e Raynaud 1993), destinados a preparar e servir alimentos líquidos, cuja importação decorreu entre a segunda metade do século I e os últimos decénios do seguinte (Pereira *et alii* 2019).

3. AS ÂNFORAS GÁLICAS EM MONTE MOLÍÃO

Os produtos vinários com a mesma origem foram documentados através das ânforas gálicas, cuja análise macroscópica das pastas permitiu uma adscrição à província da Narbonense.

Do ponto de vista tipológico, incluem-se, maioritariamente, na Forma 4, tendo-se registado também escassos exemplares da 5, havendo um fundo que poderá, com muitas reservas, caber na 3. Totalizam 27 exemplares, o que corresponde a cerca de 3% das importações anfóricas alto-imperiais. Este valor é apenas ultrapassado por Lisboa, onde se contaram 66 exemplares da forma Gauloise 4 e três da 5, correspondendo, contudo, a apenas 2% do total das ânforas imperiais (Filipe 2018: 454-458). Neste contexto, parece importante referir que alguns exemplares da cidade do Tejo foram recolhidos em contextos datados entre os meados do século I e o século II, mas também já do século III (*Ibidem*: 455).

Em Monte Molião, pudemos identificar dois fabricos distintos. Um deles (Fig. 4, A), o mais abundante, apresenta pastas bem depuradas, compactas, com tonalidades que oscilam entre o bege amarelado e o rosado, mostrando alguns um engobe esbranquiçado na parede externa. Menos frequentes são os exemplares cujas pastas (Fig. 4, B), sendo semelhantes ao grupo anterior, são menos depuradas, com mais elementos-não-plásticos, sendo também de maiores dimensões e, por isso mesmo, se distinguem a olho nu (xistos, quartzos, elementos ferruginosos).

O fundo que, com algumas reservas, classificámos como Forma 3 é plano (Fig. 5, nº 1) e integra-se no grupo de fabrico mais frequente. Sendo verdade que, em termos morfológicos, não tem correspondência exacta nos protótipos conhecidos, a pasta e a forma aproximam-no deste tipo de ânforas.

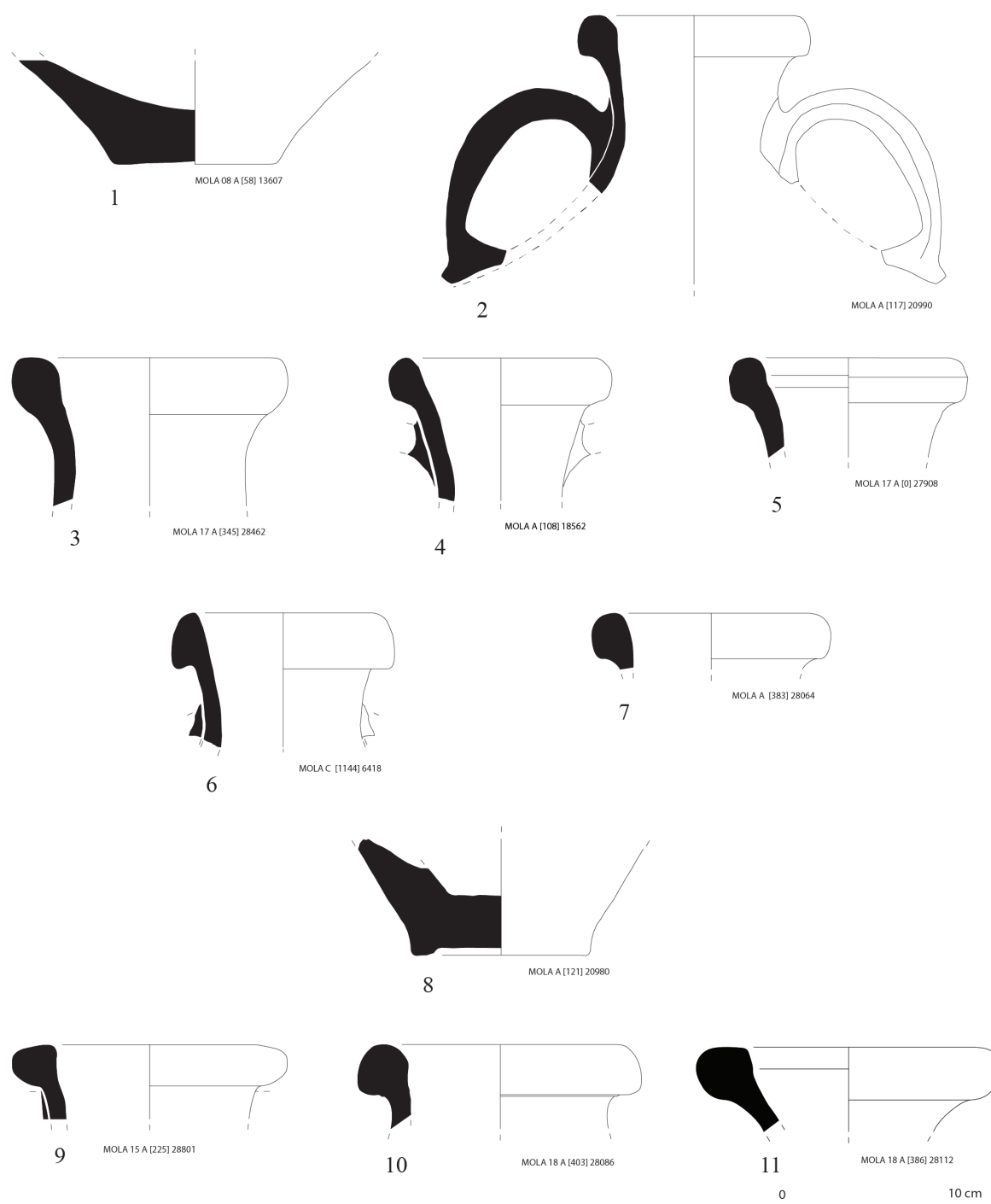


Figura 5. Ânforas da Gália meridional de Monte Molião: nº 1, Gauloise 3? (13607); nº 2 a 8, Gauloise 4 (20990, 28462, 18562, 27908, 6418, 28064, 20980); nº 9 a 11, Gauloise 5 (28801, 28086, 28112).

Os bordos que fizemos corresponder à Forma 4 são evertidos, possuindo espessamento arredondado, por vezes com uma ligeira reentrância na parte interna do bordo (Fig. 5, nº 2 a 8). Os diâmetros destes fragmentos não excedem o que foi estabelecido para a forma, com excepção de um deles (Fig. 5, nº 3), que ainda assim integramos neste mesmo tipo. Um dos exemplares, mais completo (Fig. 5, nº 2), conserva o colo e a asa

de secção elíptica, oferecendo o típico bordo arredondado, enquanto outro apresenta uma secção triangular (Fig. 5, nº 6).

Na Forma 5 integramos três bordos (Fig. 5, nº 9 a 11) que, embora ofereçam características similares às do tipo precedente, têm pormenores que obrigam a esta classificação, concretamente um colo mais vertical. O bordo, com lábio horizontal, apresenta, fre-

quentemente, um sulco na superfície interna (Laubenheimer 1985: 293). Todos os fragmentos oferecem um diâmetro que excede os 15 cm de diâmetro.

As ânforas gálicas são uma presença constante no território português, sobretudo nos centros urbanos do litoral, ainda que correspondam sempre a percentagens diminutas, com excepção de Lisboa, como já referimos. Tal como em Monte Molião, trata-se quase exclusivamente da Forma 4, tipo que é datável, em termos gerais, entre os meados do século I e o final do III, mas cuja exportação teve particular incidência no século II (Laubenheimer 1985; Long e Duperron 2011; Mauné 2013). Entre outros sítios, foram documentadas em Conímbriga (Alarcão 1976; Buraca 2005), Lisboa (Bugalhão *et alii* 2013; Filipe 2019), Alcácer do Sal (Pimenta *et alii* 2015), Miróbriga (Diogo 1999a), Tróia (Diogo e Trindade 1998), Sines (Diogo 1999b), mas também no interior, quer em cidades, como a Ammaia (Venditti 2016), quer em *villae*, concretamente Monte da Cegonha (Pinto e Lopes 2006), Torre de Palma (Diogo 1999-2000) e Tourega (Pinto e Lopes 2006).

No Algarve, a sua presença foi registada em quase todos os sítios litorais com ocupação de época romana, especificamente em *Balsa* (Viegas 2011), Pedras d'El Rei (Viegas e Dinis 2010), Quinta de Marim (Silva *et alii* 1992), Faro (Viegas 2011), Lagos (Almeida e Moros Díaz 2014), Vidigal (Pereira 2012) e Quinta do Lago (Arruda 2019).

Embora alguns fragmentos tenham sido recolhidos em contextos de revolvimento, a posição estratigráfica de outros compagina-se com o que é conhecido quanto à cronologia que lhes é geralmente atribuída, estando documentadas em níveis datáveis da segunda metade do século I e início do século II. Devem destacar-se as que surgiram nos compartimentos 5, 14, 16 e 17, que, estando em contexto primário, estão associadas a outros materiais que permitem corroborar a sua datação.

Do compartimento 5 são provenientes duas, recolhidas no mesmo estrato, que estavam acompanhadas por uma considerável quantidade de *terra sigillata* sudgálica (Ritt. 8, Drag. 24/25, 27, 15/17, 18/31, 35/36, 37). O mesmo contexto ofereceu também um fragmento de produção itálica (Consp. 23), um pequeno conjunto de *terra sigillata* hispânica e ânforas béticas (maioritariamente Dressel 20, mas também 7/11, Haltern 70 e Beltrán 2B), o que nos permite sugerir tratar-se de um contexto de época flávia.

A mesma situação pode ser considerada para os contextos do compartimento 16 e 17, dos quais, aliás, são provenientes os três exemplares de Gauloise 5. Os materiais que lhes estavam associados são sensivelmente os mesmos e nas mesmas quantidades, destacando-se agora uma maior presença de cerâmicas finas, como vasos de Paredes Finas (Mayet XXXIV, XXXVIII e XLIV), ainda que acompanhadas por alguns recipientes de vidro (Isings 3 e 42a).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importação de produtos vínicos gálicos em Monte Molião é coincidente com a redução significativa dos contentores vinários de outras origens, concretamente os da Bética. De facto, no conjunto das ânforas Haltern 70 do sítio não se encontrou qualquer exemplar tardio (Arruda *et alii* no prelo). Ainda assim, parece evidente que a viticultura deve ter desempenhado um importante papel na economia do sítio a partir de meados do primeiro século da Era, uma vez que estes contentores vinários da Gália, sendo relativamente numerosos face ao panorama conhecido no extremo Ocidente, não terão sido suficientes para suprir as necessidades da comunidade que aí habitava.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem à Câmara Municipal de Lagos o apoio concedido aos trabalhos arqueológicos em Monte Molião, que permite desenvolver o projecto no seio da UNIARQ (Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa), ao qual todos estão institucionalmente vinculados.

BIBLIOGRAFIA

- Alarcão, J. 1976: "Les Amphores", in *Fouilles de Conimbriga VI*, Paris, 79-91.
- Almeida, R. e Moros Díaz, J. 2014: "Um testemunho da *Figlina Scalensia* em Lagos (Portugal): a propósito da grande fossa detritica da fábrica de salga da Rua Silva Lopes", *Al-Madan 11-19 (Adenda electrónica)*, 44-59.
- Arruda, A. M. 2019: "Ânforas da Quinta do Lago (Loulé, Portugal): as importações", *Ophiussa 3*, 93-110.

- Arruda, A. M. e Dias, I. 2018: "A terra sigillata itálica de Monte Molião, Lagos, Portugal", *Portvgalia Nova Série* 39, 159-178. <https://doi.org/10.21747/09714290/port39a4>
- Arruda, A. M. e Pereira, A. 2017: "A cerâmica de cozinha Africana de Monte Molião (Lagos, Portugal) e o seu enquadramento regional", *Onuba* 5, 21-43.
- Arruda, A. M. e Pereira, C. 2010: "Fusão e produção: actividades metalúrgicas em Monte Molião (Lagos), durante a época romano-republicana", *Xelb* 10, 695-716.
- Arruda, A. M., Pereira, C., Sousa, E. e Dias, I., no prelo: "Importações béticas no Sul da Lusitânia: leituras a partir de um centro de consumo (Monte Molião, Lagos, Portugal)". *Ex Baetica Amphorae II: veinte años después*.
- Arruda, A. M. e Sousa, E. 2013: "Ânforas Republicanas de Monte Molião (Lagos, Algarve, Portugal)", *Spal* 22, 101-141. <https://doi.org/10.12795/spal.2013.i22.05>
- Arruda, A., Sousa, E., Bargão, P. e Lourenço, P. 2008: "Monte Molião (Lagos): Resultados de um projecto em curso", *Xelb* 8, 161-192.
- Arruda, A. M., Sousa, E., Pereira, C. e Lourenço, P. 2011: "Monte Molião: um sítio púnico-gaditano no Algarve (Portugal)", *Conimbriga* 50, 5-32.
- Arruda, A. M. e Viegas, C. 2016: "As ânforas alto imperiais de Monte Molião", in R. Járrega e P. Berni (eds.): *Amphorae ex Hispania: paisajes de producción y consume*, Tarragona, 446-463.
- Buraca, I. 2005: *Civitas Conimbriga: Ânforas romanas*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Bugalhão, J., Arruda, A. M., Sousa, E. e Duarte, C. 2013: "Uma necrópole na praia: o cemitério romano do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (Lisboa)", *Revista Portuguesa de Arqueologia* 16, 243-275.
- Diogo, A. M. 1999a: "Ânforas romanas de Miróbriga", *Arquivo de Beja* 3-10, 15-27.
- Diogo, A. M. 1999b: "Ânforas provenientes de achados marítimos na costa portuguesa", *Revista Portuguesa de Arqueologia* 2-1, 235-248.
- Diogo, A. M. 1999-2000: "Ânforas romanas provenientes do nordeste alentejano (Herdade do Reguengo, Torre de Palma, Cabeço de Vaia Monte e Santa Vitória do Ameixial)", *Ibn Maruán – Revista Cultural do concelho de Marvão* 9/10, 311-327.
- Diogo, A. M. e Trindade, L. 1998: "Uma perspectiva sobre Tróia a partir das ânforas. Contribuição para o estudo da produção e circulação de ânforas romanas em território português", *O Arqueólogo Português* 16, 187-220.
- Filipe, V. 2018: *Olisipo, o grande porto da fachada atlântica. Economia e comércio entre a República e o Principado*. Dissertação de Doutoramento Inédita. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Gomes, F., Pereira, C. e Arruda, A. M. 2019: "A cisterna de Monte Molião (Lagos, Portugal)", *Spal* 28-2, 235-278. <http://dx.doi.org/10.12795/spal.2019.i28.21>
- Laubenheimer, F. 1985: *La production des amphores en Gaule Narbonnaise*, Paris.
- Long, L. e Duperron, G. 2011: "Le mobilier de la fouille de l'épave romaine Arles-Rhône 7. Un navire fluvio-maritime du IIIe siècle de notre ère", in *SFECAG – Actes du Congrès d'Arles*, Marseille, 37-56.
- Mauné, S. 2013: "La géographie des productions des ateliers d'amphores de Gaule Narbonnaise pendant le Haut-Empire. Nouvelles données et perspectives", *Revue Archéologique de Narbonnaise* 46, 335-373.
- Meffre, J. C. e Raynaud, C. 1993: "Céramique commune kaolinifère", *Lattara* 6: 488-499.
- Pereira, C. 2012: "O sítio romano do Vidigal, Aljezur", *Revista Portuguesa de Arqueologia* 15, 155-179.
- Pereira, C. e Arruda, A. M. 2016: "As lucernas romanas do Monte Molião (Lagos, Portugal)", *Spal* 25, 149-181. <https://doi.org/10.12795/spal.2016i25.06>
- Pereira, C., Arruda, A. M. e Ribeiro, S. 2019: "A Cerâmica Caulínica de Monte Molião (Lagos, Portugal)", *Conimbriga* LVIII: 127-148. https://doi.org/10.14195/1647-8657_58_4
- Pimenta, J., Sepúlveda, E. e Ferreira, M. 2015: "Acerca da dinâmica económica do porto de *Urbs Imperatoria Salacia*: o estudo das ânforas", *Cira Arqueologia* 4, 151-170.
- Pinto, I. e Lopes, C. 2006: "Ânforas das villae romanas alentejanas de São Cucufate (Vila de Frades, Vidigueira), Monte da Cegonha (Selmes, Vidigueira) e Tourega (Nossa Senhora da Tourega, Évora)", *Setúbal Arqueológica* 13, 197-224.
- Silva, C. T., Soares, J. e Coelho Soares, A. 1992: "Estabelecimento de produção de salga da época romana na Quinta do Marim (Olhão). Resultados preliminares das escavações de 1988-89", *Setúbal Arqueológica*, 9-10, 335-374.
- Sousa, E. e Arruda, A. M. 2013: "A cerâmica de tipo Kuass de Monte Molião (Lagos)", in *Arqueologia em Portugal. 150 anos. Actas do I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa, 651-659.
- Sousa, E. e Arruda, A. M. 2018: "A cerâmica de paredes finas de Monte Molião (Lagos, Portugal)", *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid* 44, 201-226. DOI: <http://doi.org/10.15366/cupauam2018.44.011>
- Sousa, E., Pereira, C. e Arruda, A. M. 2019: "O serviço de mesa de época romana republicana de Monte Molião (Lagos, Portugal)", in J. Coll Conesa (coord.): *OPERA FICTILES Estudios transversales sobre cerámicas antiguas de la Península Ibérica*, Madrid, 357-368.

Veiga, Sebastião Estácio da 1891 [2005]: *Antiguidades Monumentais do Algarve*. Lisboa: Imprensa Nacional.

Venditti, C. 2014: "The amphorae", in Corsi, C. (ed.), *Ammaia II: the excavation contexts 1994-2011*, Ghent, 309-324.

Viegas, C. 2011: *A ocupação romana do Algarve. Estudo do povoamento e economia do Algarve Central e Oriental no período romano*, Lisboa.

Viegas, C. e Diniz, T. 2010: "Pedras d'el Rei (Tavira): villa suburbana de Balsa", *Xelb* 10/11, 235-251.

